

Quem fará a “utopia”?

Texto de apoio: Apelo aos Vivos – Roger Garaudy (1981)

Atualmente temos a sensação de estarmos caminhando para o fim do mundo, não do planeta Terra em si, mas da nossa espécie nele. Isso fica evidenciado quando vemos o aumento exponencial da fome, dos conflitos, da exploração dos recursos naturais e do próximo.

Entretanto, pensar em uma sociedade sem nenhum dos elementos citados acima parece algo tanto quanto utópico e ao procurarmos por utopia, rapidamente podemos achar uma definição desesperançosa, parecida com essa: é a ideia de civilização ideal, fantástica, imaginária. É um sistema ou plano que parece irrealizável, é uma fantasia, um devaneio, uma ilusão, um sonho.

Entretanto, Garaudy declara que precisamos utilizar um pouco mais de imaginação para definir e construir as condições de sobrevivência e de vida de nossa espécie, ou seja, precisamos pensar nossa utopia, porém, mais importante ainda é a pergunta que faz logo em seguida: “ Quem fará esse esforço de imaginação? ”

A verdade é que todos temos um cenário ideal em nossas cabeças, imaginamos um modelo de mundo perfeito para nós. Precisamos apenas acreditar que podemos alcançá-lo, se olharmos um pouco para o passado veremos que, muito provavelmente, vivemos uma utopia de muitos de nossos ancestrais. Seria então a utopia realmente algo irrealizável, uma fantasia, uma ilusão?

As desgraças e os êxitos dos homens estão ligados diretamente às faltas e as virtudes do homem, logo o homem é plenamente responsável por sua história e pela vitória do futuro. Quem possibilitou que chegássemos a esse ponto que estamos hoje se não nós mesmos? E aí que mora a esperança, se nos trouxemos até aqui, podemos nos tirar daqui e isso só depende de nós.

Para atingirmos essa “utopia”, precisamos reconhecer que falhamos em ponto de algum momento histórico e assumir que todas as nossas ideologias reinantes estão há muito obsoletas. Mas como Garaudy diz: não se trata de voltar aos antigos profetismos, a sabedorias exóticas, às antigas visões, mas de haurir delas a força para descobrirmos a resposta aos problemas de nosso tempo.

Os problemas que temos hoje são problemas planetários, mesmo que se mostrem localmente sua causa é global. Nunca estivemos mais interligados e dependentes um dos outros do que hoje, por isso, os problemas só podem ser resolvidos em escala planetária, pelo diálogo das culturas e das civilizações. Precisamos unir todos os nossos saberes e lembrar que, como Garaudy afirma em seu livro, precisamos do outro para nos lembrar de que aquilo que me falta para ser plenamente humano é o outro homem.

“Precisamos ter todos com vontade de ter mãos seu próprio futuro, e a ninguém delegar esse poder” Garaudy. Para que, assim, todos participem da construção dessa “utopia”, que cada um ajude a inventar o futuro e mudar o modo que vivemos, pois é claro que o modo que vivemos hoje não é a utopia de ninguém hoje vivo.

Por fim, trago um trecho do livro *Apelo aos Vivos* como mensagem de esperança e guia:

“Você não gosta de apostas idiotas? Eu também não.

Mas não temos escolha: a fé ou o nada.

A única fé necessária no começo é esperar que o homem ainda esteja por fazer.

Será que se pode viver de modo diferente? Procurando os verdadeiros “porquês”?

Para começar: por que não podemos viver de outro modo? Viver de outro modo. É isso o que importa. Nada mais. Nada menos. Viver de outro modo.”

Quem fará a mudança?

Texto de apoio: *Between Past and Future* – Hannah Arendt

No texto anterior, ficou claro que o modo atual em que vivemos não pode e não deve mais ser tolerado devido a tamanha injustiça e problemas que presenciamos no dia-a-dia, a frieza do ser humano, sua arrogância, egocentrismo.

Devemos buscar então um outro modo de viver, mas como? “O papel desempenhado pela educação em todas as utopias políticas, a partir dos tempos antigos, mostra o quanto parece natural iniciar um novo mundo com aqueles que são por nascimento e natureza novos.” Hannah Arendt.

É lógico arriscar no novo, papel exercido pelas crianças em nossa sociedade, pois uma vez que estas ultrapassem a infância e estejam prontas para ingressar na comunidade dos adultos como pessoas jovens trarão consigo novos valores, ideias. Eles são provavelmente a melhor aposta para trazer uma mudança no modo de viver.

Contudo, não podemos deixar para eles e desistirmos agora, devemos sempre ter em mente que o futuro é o que fazemos no presente, o mundo em que nascemos e que deixaremos é sempre um mundo velho, moldado por nossos pais e depois por nós.

Portanto, devemos nos atentar ao modo com o qual educamos nossas crianças. Diversos autores tratam do ciclo de desenvolvimento da criança, entre eles Rudolf Lanz que em seu livro *Noções Básicas de Antroposofia*, no capítulo A evolução da criança apresenta os ciclos por qual toda a criança passa em seu desenvolvimento.

Sendo uns dos primeiros fatos apontados na obra é que a personalidade não nasce com o nascimento e que não pode se criar uma personalidade, um

eu. No entanto, pode-se favorecer ou dificultar seu desabrochar correto. Rapidamente vemos assim como é importante o papel dos educadores no desenvolvimento da criança e sendo a família os primeiros educadores com os quais uma criança entra em contato essa instituição merece cuidado especial.

Há de se tomar cuidado na educação de nossas crianças, uma vez que muitas vezes tentamos impor nossos valores na educação delas e matamos assim o seu potencial de desenvolver ideias próprias e novas. Ou como Hannah diz em um trecho do seu texto: “Há intervenção ditatorial, baseada na absoluta superioridade do adulto, e a tentativa de produzir o novo como se o novo já existe”. E isso é tão válido quanto mais frequente no núcleo familiar.

Enfim, devemos então cuidar do modo que educamos nossas crianças para que não impeçamos elas de trazerem ao nosso velho mundo, novas ideias e achamos meios e instrumentos de favorecer para que seu desabrochar ocorra de maneira correta.